

Cristo nas Trincheiras: Aspetos da religiosidade dos portugueses na Flandres

Luís Miguel Carvalho da Silva

luismiguelsmpd@gmail.com

Resumo

Neste artigo, após compreendermos a entrada de Portugal na Guerra, tomamos conhecimento das divisões e dos confrontos dentro do CEP no que toca à questão religiosa. As amarguras da guerra provocaram em muitos combatentes a necessidade de Deus, vivenciada em fenómenos como o Cristo das Trincheiras. A fé, moldada pelo dia-a-dia das trincheiras, movida por uma inquietação interior que reflete e questiona, e pelas cerimónias religiosas em campanha contribui para o reforço da moral das tropas. Paralelamente, assistimos a uma mudança de mentalidades que permitirá o surgimento de novas relações entre os combatentes e entre estes e o Mundo.

Palavras-chave: portugueses, Grande Guerra, religiosidade, Cristo das Trincheiras, memórias, mentalidades, Flandres.

Abstract

In this article, after understanding the reason why Portugal joined the war, we become aware of the divisions and clashes within the CEP, regarding the religious question. The war bitterness reflected on the increasing need of the fighters for God's word, which appeared in phenomena as the Christ of the Trenches. Faith, shaped day by day in the trenches, driven by an inner restlessness that meditates and wonders and by the religious ceremonies in the campaign, contributed to strengthen the morale of the troops. At the same time, we have noticed a change in mentality that will allow the emergence of new relations between the combatants and between these and the World.

Keywords: Portuguese, Great War, religiosity, Christ of the Trenches, memoirs, mentalities, Flanders.

Abreviatura

CEP – Corpo Expedicionário Português

Introdução

«Deus morreu — fomos nós que o matámos, vós e eu!»
Nietzsche

«Ao tocar nas feridas do mundo, tocamos em Deus.»
Tomáš Halík

Quando iniciei este trabalho, a ideia que tinha sobre os estudos desenvolvidos na temática da intervenção portuguesa na Grande Guerra fazia-me crer que a dimensão religiosa durante a campanha estava pouco estudada. Na verdade, com o decorrer do tempo, fui-me apercebendo de um conjunto de estudos, ainda que poucos, sobre esta temática. Percebi então que não sendo um campo de exploração inteiramente novo, como a minha ingenuidade me fez pensar, poderia com a minha perspetiva contribuir para um alargamento dos conhecimentos sobre esta matéria. Não deixando de destacar os aspetos mais relevantes desta religiosidade, tão bem tratados em algumas obras científicas como o artigo de Isabel Pestana Marques na *Nova História Militar de Portugal*¹ e *Nas Trincheiras da Flandres: Com Deus ou sem Deus, eis a Questão*² de Maria Moura, entre outras, propus-me fazer um estudo sobre esta temática, mas numa outra perspetiva, não destacando simplesmente as vivências religiosas, mas tentando interpretar a forma com esses fenómenos eram vividos, ou melhor, descritos pelos protagonistas nas suas memórias. O estudo a que me propus não constitui assim um mero relatar de acontecimentos, mas uma tentativa de penetrar no íntimo dos seus autores buscando nas suas memórias os momentos, as conversas e as reflexões que os marcaram.

Para isso, além do importante auxílio da bibliografia terei como base deste trabalho, o estudo e análise das memórias e textos de um grupo alargado de combatentes. No entanto, cabe-me esclarecer que, talvez pelo número de alfabetizados entre os soldados ser reduzido, praticamente todos os textos recolhidos têm como autores oficiais do exército, exceto um ou outro texto composto por soldados e transcrito por algum superior nas suas memórias. Apesar deste entrave podemos encontrar várias sensibilidades ou insensibilidades religiosas, bem como muitas formas diferentes de pensar. Perspetivas opostas que enriquecem este estudo.

¹ Isabel Pestana Marques, "1914-1918. Comportamentos de Guerra", Themudo Barata e Severino Teixeira (ed.), *Nova História Militar de Portugal* (Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2004), V, 99-135.

² Maria Luísa de Brito Moura, *Nas Trincheiras da Flandres: Com Deus ou sem Deus, eis a Questão* (Lisboa: Edições Colibri, 2010).

Apesar de tudo, e devido à complexidade de tal tarefa, restringir-me-ei ao período em que os combatentes portugueses estiveram na Flandres, embora tenha consciência que há fatores antecedentes e posteriores à guerra. Esforçar-me-ei por demonstrar ao leitor que a guerra pode não ter sido o início ou o fim de momentos marcantes da vida espiritual dos homens de fé que nela participaram. Certamente que em muitos haverá uma continuidade. Mas, de facto, o que é importante realçar é o impacto das vivências desse período.

As memórias de antigos combatentes como Augusto Casimiro, Eduardo Pimenta, Pina de Morais, Almeida Russo, Alfredo Barata da Rocha e Jaime Cortesão serão o meu elo de ligação ao tema principal que é o Porto. Cada um destes autores teve durante a vida uma ligação à cidade. Alguns foram professores, outros desempenharam funções ligadas à cultura, mas todos foram membros da elite intelectual do Porto durante algum tempo. Os seus trabalhos em prol da cultura são o elo mais forte que os une à cidade.

No entanto, e antes de apresentar as traves mestras deste trabalho, as chamadas problemáticas, gostaria de referir algumas ideias que considero que qualquer historiador deve ter em conta ao elaborar um estudo como este sobre a religiosidade.

O raciocínio e as palavras de Bernard Lecomte não poderiam ser melhores para descrever a complexidade de um estudo sobre a fé. Para um historiador, o caso de combatentes com fé coloca um problema específico:

Qualquer que seja a minúcia da investigação, qualquer que seja a subtileza da análise, como podemos integrar no relato de uma vida aquilo que diz respeito às convicções mais íntimas e que é, por definição, irracional? Podemos sempre relatar as expressões, os sinais, os sintomas, os testemunhos de uma fé prenhe, mas como ir às fontes dessa inspiração? No caso de um artista, o irracional que preside à criação é também indizível, mas existe sempre uma obra a descrever, a analisar, a criticar. De que se trata no caso da fé? [...] Quem pode penetrar no íntimo [de um combatente?] "Ou, quando toma uma decisão, um crente não se reporta apenas à conjuntura, ao seu conhecimento do assunto, aos seus objetivos: retira muitas vezes a inspiração [coragem] da oração."³

Como dar conta deste diálogo com Deus? O historiador:

Encontra-se diversas vezes diante deste «mistério» que altera a natureza dos comportamentos humanos e que, por vezes, decide do curso das coisas. O leitor — o que crê no Céu, e o que não crê — é convidado...”, [nas páginas deste trabalho] "...a fazer, por seu lado, prova de imaginação, de tolerância e de abertura."⁴

³ Bernard Lecomte, *João Paulo II: A Tão Esperada Biografia do Último «Gigante» da Nossa Época* (Porto: Ambar, 2003), 12.

⁴ Lecomte, *João Paulo II*, 12.

Relativamente às problemáticas sobre o *Cristo nas Trincheiras: Aspectos da religiosidade dos portugueses na Flandres* escolhi três que considero serem verdadeiros "pilares" sobre o tema. A partir delas, outras questões vão surgindo, mas como é natural nem todas poderão ser abordadas e resolvidas na investigação que tenho vindo a elaborar. Contudo, tendo plena consciência que haverá sempre questões em aberto, deixo-as para reflexão do leitor e como incentivo a futuros investigadores.

Qual o papel da religião e o estado da fé nas tropas portuguesas? Reflexos do antagonismo católico-militar no início do conflito.

Desta problemática outras questões surgirão. Por exemplo: Como tudo isto se reflete na vida espiritual (se é que existe) dos combatentes? Sentir-se-iam estes em comunhão com Deus nos primeiros tempos de conflito? Era indiferente a permanência de capelães junto dos militares? Havia respeito e tolerância entre crentes e não crentes? Como e onde eram realizados os momentos de oração individual ou coletiva?

Como, quando e porquê o sentimento de necessidade e presença de Deus vai tomando forma na mente dos homens e se reflete no próprio campo de batalha?

Esta questão, elaborada de forma a englobar uma resposta com capacidade de aludir em vários sentidos, é, por isso mesmo, extensa e complexa de modo que deverá ser repartida por vários subtemas como por exemplo: cerimónias religiosas, entre elas eucarísticas ou fúnebres essencialmente; oração e desenvolvimento individual da fé; locais e objetos sagrados.

Quanto á última problemática, centrar-se-á na fase final e posterior da guerra, fazendo como que um balanço geral da religiosidade nas trincheiras e as suas implicações na vida dos homens que nela lutaram. Ou seja: *quais as implicações diretas ou indiretas provocadas pelas experiências de fé vividas pelos portugueses na Grande Guerra?*

Também esta será uma problemática que nos levará a questões complexas, muitas das quais certamente ficaram em aberto. No entanto, espero poder deixar algumas ideias no ar, como por exemplo: será que tais experiências serviram para assegurar a gestão e a moral da tropa? Terão essas vivências marcado emocionalmente os combatentes?

Concluindo, com estas problemáticas procurarei abrir "caminhos" num tema que tem sido recentemente estudado, embora noutros pontos de vista e com fontes um pouco diferentes. Julgo que só assim poderei chegar a uma visão geral, ainda que constituída por indivíduos únicos, capaz de poder apresentar alguns traços mais claros do que seria a religiosidade nas trincheiras.

1. A Caminho das Trincheiras: os primeiros tempos na Flandres

1.1. Contexto Histórico

Muitos seriam os temas e subtemas que poderíamos abordar para contextualizar a entrada e a permanência de Portugal na Guerra. Em forma de síntese apresentarei os dois temas fundamentais para percebermos este período. O primeiro é de natureza política e diplomática. Desde logo a questão da defesa das colónias africanas, mas também da integridade nacional face à crescente ameaça espanhola, bem como a ambição de Portugal em assegurar um lugar no concerto das nações contribuíram para que a decisão política se inclinasse para a beligerância ao lado da sua velha aliada Inglaterra. Um olhar sobre a situação da política interna portuguesa à época permite-nos perceber um pouco mais sobre o porquê da entrada na guerra. No ponto de vista de muitos republicanos o resultado seria o consolidar e a legitimação do regime republicano, reforçando na mesma medida o partido cuja estratégia levaria Portugal à Grande Guerra.

Um segundo aspeto importante na análise desta intervenção é a questão da Guerra Religiosa na Primeira República. As políticas efetuadas pelos governos republicanos lançaram no país um conjunto de medidas gravosas para as Igrejas, sobretudo para a Igreja Católica Portuguesa. Tal clima de hostilidade entre Estado e Igreja viria a refletir-se na sociedade. Constitui por isso, um ponto importante para este estudo, uma vez que tal clima de confrontação se estendeu às trincheiras da Flandres, onde só com as amarguras da guerra ambas as partes deram sinais de tolerância proporcionando um diálogo assente na cooperação que viria a beneficiar o desenvolvimento de uma nova mentalidade.

1.2. Preparação e viagem: os primeiros tempos nas trincheiras

As primeiras notícias sobre a entrada de Portugal na Guerra, ao lado dos aliados, tiveram de imediato repercussões por todo o país. Nas aldeias ou nas cidades onde os soldados se encontravam arregimentados "as despedidas dos familiares e amigos, a distribuição de preces e de santinhos aos soldados devotos pelo pároco local constituíram uma realidade no decorrer da mobilização".⁵

Após alguns meses de treino, o passo seguinte consistia no embarque para França. O embarque não constituiu uma tarefa fácil. Por um lado, o descontentamento

⁵ Nuno Severino Teixeira, "Portugal e a Grande Guerra", Themudo Barata e Severino Teixeira (ed.), *Nova História Militar de Portugal* (Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2004), IV, 14-34.

e o receio de ir combater numa guerra longínqua de que poucos percebiam a razão e alguma falta de organização e de condições faziam com que alguns militares se revoltassem e abandonassem as embarcações. Consequentemente, alguns navios largavam com a lotação por preencher. Já no decorrer da viagem muitos autores descrevem-nos as precárias condições, tanto devido à falta de organização como devido aos poucos cuidados de higiene por parte de alguns soldados. No entanto, não são estes os problemas sobre os quais me quero debruçar. Para além destes aspetos alguns relatos indicam-nos um acontecimento aparentemente pouco relevante e, pelos vistos, único, mas que para o tema em questão merece ser analisado. Vicente José da Silva descreve-nos a celebração de uma eucaristia a bordo, à qual dá particular importância:

Por fim, a minha atenção foi desviada para certos preparativos que se estavam fazendo sobre o convés, a um dos lados do navio, e perto do lugar em que me encontrava: improvisava-se um altar e, momentos depois, o padre capelão, que nos acompanhava, iniciou a missa. De repente, e como que impulsionado por uma mola, todos os que estão presentes se prostraram de joelhos em frente do altar. Ajoelho também; faz-se o silêncio e os espíritos concentram-se ferverosamente em suave recolhimento... Oh! O encanto místico de uma missa a bordo! É qualquer coisa de inédito que se sente, mas não se pode definir. Será que sentindo-se mais afastados do mundo nos encontramos mais perto de Deus?⁶

Outros viajantes mencionam nos seus textos as orações proferidas nos momentos mais críticos da viagem quando a ameaça de um ataque de submarinos alemães pairava nos corações dos homens. Nesses momentos alguns dentre os crentes fitavam o mar e pediam a proteção da Virgem.

Já em França, e novamente após algum tempo de treino, desta vez mais especializada para a vida nas trincheiras, os militares portugueses foram mobilizados para a frente onde encontraram: "A Flandres das neves e das crenças, a Flandres vermelha dos incêndios e das batalhas, das mulheres brancas e das cruzes de seis côvados, a Flandres dos campanários e dos canais infindáveis d'água verde!"⁷

A própria França que aos olhos de muitos seria a nação da descrença, um país onde imperava a razão longe da fé, considerada coisa do passado, aparecia agora como um país religioso onde se vislumbram belas capelas (agora arruinadas), as grandes cruzes à beira da estrada e onde alguns santos e uma Virgem estavam postos sobre campos de soldados ingleses espalhados pelas proximidades dos campos de batalha.

⁶ Vicente José da Silva, *A Guerra de 14: Memórias De Um Combatente* (S. l.: Edições Boa Nova, 1991), 21.

⁷ Pina de Moraes, *Ao Parapeito* (Porto: Renascença Portuguesa, 1919), 48.

"Porque será que na França a fé tem renascido e a religiosidade é cada vez maior?"⁸ perguntava a si próprio José Vicente da Silva.

1.3. As dificuldades da assistência religiosa em Campanha

Desde o início da campanha que alguns sacerdotes se voluntariaram para acompanhar as tropas portuguesas na guerra. Para esse fim, a Igreja criou a Comissão de Assistência Religiosa em Campanha. Porém, o ambiente de confrontação vivida durante a Guerra Religiosa dificultou imenso o sucesso desta missão. O Estado português, bem como uma boa parte dos militares em serviço na Flandres, os livres-pensadores como alguns críticos os chamaram, não facilitaram a ação dos capelães nem a vivência da religiosidade na guerra. Segundo as palavras do general Tamagnini, muitos oficiais achavam "a prática religiosa uma manifestação antagónica à cultura, à educação e aos interesses militares por enfraquecer os espíritos e os comportamentos".⁹

Tais restrições provocaram uma quase ausência de capelães portugueses nos primeiros tempos do conflito, de modo que muitos crentes procuraram assistência espiritual junto dos párocos franceses locais, assistindo aos seus atos de culto junto das populações civis como o comprova os relatos de Ferreira do Amaral:

Na Flandres acordei numa manhã ao som solene e impressionante de um coro religioso. Havia através desse coro vozes agudas entoadas por gargantas femininas, mas por sobre elas, e marcando em cheio a harmonia dos cânticos, distinguiam-se vozes fortes e ásperas de homens. [...] Sai à rua, encaminhei-me para a igreja e ao entrar fiquei pasmado. Algumas centenas dos mil e tal homens do meu batalhão entoavam o Bendito e louvado seja em português. Algumas dezenas de mulheres francesas acompanhavam cantando apenas o hino religioso entoado, de joelhos e mãos postas, pelos que haviam de ser em breve os mais bravos soldados da infantaria portuguesa na Flandres. Eram os soldados de infantaria 15 [...] O padre era francês! Era o cura da aldeia francesa, que dirigia a cerimónia religiosa dos meus soldados! Sai indignado e desde essa ocasião resolvi pedir um capelão português para acompanhar a minha unidade às linhas, tendo em mínima conta os juízos que sobre a minha resolução fariam os ferozes e ridículos livres-pensadores do C. E. P. e do meu país.¹⁰

Com este exemplo podemos perceber, não só a religiosidade dos portugueses como os problemas em obterem apoio religioso de sacerdotes compatriotas e as dificuldades que sentiam aqueles que defendiam a importância da assistência religiosa em campanha.

⁸ Silva, *A Guerra de 14*, 58.

⁹ Isabel Pestana Marques, *Memórias do General: "Os Meus Três Comandos" de Fernando Tamagnini* (Viseu: Sacre, 2004), 122.

¹⁰ J. Ferreira Amaral, *A Mentira da Flandres e o Medo* (Lisboa: J. Rodrigues & C.^a, 1922), 50.

Porém, para sermos realistas temos que ter em conta que as dificuldades impostas por muitos dos «livres-pensadores» têm não só a ver com o receio de que os religiosos fizessem “propaganda”, mas também com a impreparação dos capelães no início do conflito. Habitados a ministrar uma pastoral paroquial, estes tiveram alguma dificuldade em se adaptar a um ambiente completamente diferente e que requeria por isso uma intervenção religiosa mais recatada. Viveu-se por isso, sobretudo nos primeiros tempos, um clima de desconfiança e intolerância entre uns e outros.

As dificuldades da guerra e o contacto diário entre estes dois grupos proporcionaram uma progressiva mudança de pensamento, graças à atitude dos capelães, mas também à intervenção dos ingleses e franceses que viam na assistência religiosa e na figura do padre algo positivo que ajudava os feridos e desorientados, elevando a moral das tropas. De inimigos passariam a colaboradores. O ambiente hostil foi-se, assim, dissipando e as barreiras ideológicas foram cedendo lugar a cooperação numa guerra cada vez mais desgastante.¹¹

1.4. Uma fé envergonhada

Como vimos anteriormente, os primeiros tempos dos portugueses nas trincheiras ficaram marcados, do ponto de vista religioso, por um período de verdadeira desconfiança. A obra *Nas Trincheiras da Flandres: Com Deus ou sem Deus, eis a Questão* ajuda-nos a perceber o sentimento dos soldados perante este conflito. “Nos primeiros tempos, muito marcados pela desconfiança para com a assistência espiritual, entre os soldados existia o receio de serem ridicularizados ou castigados por assistirem a actos de culto”.¹²

Sobre este ponto, as memórias do capitão José Mendes são reveladoras do receio por parte dos soldados em rezarem nas trincheiras.

Ao chegar, porém, junto do primeiro posto, deparei com todos os soldados ajoelhados e de cabeça descoberta [...]. A minha presença perturbou imenso os pobres soldados que se levantaram imediatamente, envergonhados e confusos, receosos de que toma-se por uma manifestação de cobardia o seu zelo religioso e fosse talvez zombar da sua fé e dos seus sentimentos.¹³

Assim sendo, podemos concluir que apesar de algumas referências pontuais, tanto na bibliografia como nas fontes, a práticas religiosas, como a bênção de santinhos,

¹¹ Moura, *Nas Trincheiras da Flandres*, 50.

¹² Moura, *Nas Trincheiras da Flandres*, 64.

¹³ José R. Silva Mendes, *Soldados Valentes Episódios da Grande Guerra* (Leiria: s. n., 1936), 26.

celebrações da eucaristia, ainda que raras, e uma ou outra prece dirigida à divindade, mas recolhida quase secretamente na intimidade do crente, parece evidente que tais práticas passam sorrateiramente ao lado nos primeiros tempos na Flandres. O ambiente geral manifestava-se hostil. Os capelães, poucos e em fase de adaptação, são por vezes marginalizados, sobretudo por muitos oficiais. Os próprios crentes divididos entre os ensinamentos religiosos recebidos nas suas comunidades de origem e as palavras dos livres-pensadores encontram-se divididos. Deste modo, os que acreditam tendem a viver a sua fé discretamente, de forma a evitar serem vistos. Existia pois o receio de serem gozados e ridicularizados.

2. O despertar da Fé

2.1. As amarguras da Guerra e a necessidade de Deus

A tua grande cruz, ó meu sonho lusitanismo e ardente, — enquanto, lá em baixo se jogavam os dados, e te esqueciam e te negavam, cegos, começou a erguer-se em cada coração vivo, sobre calvário sombrio da nossa raiva de filhos desamparados e órfãos...¹⁴

A Grande Guerra, por ser a nossa base de estudo, traz consigo os mais diversos sentimentos e experiências: a dor física provocada por ferimentos causados por uma bala ou estilhaços de uma granada¹⁵, a dor interior provocada pela perda de um camarada amigo em combate. O ódio e a revolta que tal pode originar. A alegria de uma ação comprida com êxito ou a tristeza e o desalento pelo fracasso. A solidão, o silêncio aterrador e o som ensurdecido dos bombardeamentos. A fome, o frio que gela o corpo e dificulta a respiração. A tristeza pelo facto de se estar longe de casa, longe da família, longe da lareira quentinha e a saudade de comer um saboroso caldo feito pela mãe ou

¹⁴ Augusto Casimiro, *Calvários da Flandres* (Porto: Renascença Portuguesa, 1920), 82.

¹⁵ Pina de Moraes no seu livro *Soldado-Saudade* apresenta-nos o caso de um soldado crente que é gravemente ferido e que acaba por falecer. Durante o desenlace do triste episódio o pobre combatente não perde a fé: "Quando viu que os estilhaços desfibravam no corpo relevos sangrentos, ele, o nosso soldado, na suprema delicadeza dum combatente, abrigava no melhor da alma as suas recordações, convencido que a alma tem lugares invulneráveis, ... o desejo que a imagem intacta [objeto religioso] no seu corpo ... (esfrangalhado) nas batalhas como a Virgem nas ruínas! [alusão a uma imagem de Nossa Senhora intacta junto a ruínas]". Esse mesmo soldado tinha o hábito de à noite recolher-se no seu abrigo a escrever e a rezar: "Nas noites sombrias escrevia do seu abrigo arruinado, o papel agitado sobre os joelhos, cheio de devoção, curvado sobre a folha como sobre uma toalha de comungar, o Soldado Saudade escrevia eternidade.". Pina de Moraes, *Soldado Saudade na Grande Guerra* (Porto: Renascença Portuguesa, 1921), 12-13.

pela esposa. A necessidade do silêncio, da paz. Um mundo tão pequenino o das trincheiras e ao mesmo tempo tão grande em sentimentos e experiências. Um mundo em que o homem se defronta dia a dia com a morte esperando a sua hora. Em tal ambiente, as mais diversas questões vão surgindo. Todos estes sentimentos obrigam cada combatente a questionar a sua identidade e o sentido opaco da sua humanidade.¹⁶ Porquê o sofrimento? Porquê a dor e o mal? Como intender tudo isto?" De facto, sem uma causa que o explique, sem um sentido que o permita entender, sem um significado que ilumine o seu mistério, todo o sofrimento é para o homem insuportável".¹⁷

Sobre isto, permitam-me fazer um pequeno parêntese dando um exemplo de uma situação que o próprio Jaime Cortesão descreve nas suas memórias. Este militar, pelo texto analisado e quando comparado com os relatos de outros protagonistas, não evidencia ser crente, pois são raríssimas as alusões a Deus. Quanto muito descreve superficialmente alguns fenómenos como o Cristo das Trincheiras intacto entre ruínas, mas, a dada altura, quando gravemente ferido e quase cego num hospital de campanha, dirige-se a Deus nestes modos: "Meu Deus! Que horror! Cego, sozinho, nu e sem forças sequer para me erguer! Ah! Morrer assim! Morrer sem ver e sem dizer adeus à luz, ao sol, à terra! Isto é morrer mil vezes".¹⁸

Esta é uma das poucas vezes em que Jaime Cortesão se dirige, nas suas memórias, a Deus ou a um fenómeno religioso. Curiosamente, sempre em momentos em que se sente desamparado.

Continuando o raciocínio anterior para suportar o sofrimento, o homem tende a ir muitas das vezes às suas raízes, à sua cultura, à religião que lhe foi ensinada. Tenta-se "agarrar" a algo que o faça sentir seguro, "abriga-se" sob a proteção do Deus que lhe foi ensinado lá na aldeia pela família, pela catequese, pelo pároco. Um Deus muitas das vezes irracional, difícil de compreender e de acreditar. Um Deus ao qual se atribui culpas, mas ao qual também se apela. Na verdade, podemos a partir da existência do mal concluir que Deus não existe. Não seria este um raciocínio compreensível para um combatente das trincheiras? Mas é exatamente a existência do mal que torna Deus necessário. "A fé revela-se, assim, como o horizonte, certamente problemático, mas irredutível da vida humana"¹⁹, em especial da vida de muitos daqueles que serviram na Grande Guerra.

¹⁶ Maria Luísa Portucarrero, "Corpo-Próprio, Sofrimento, Memória", *A Dor e o Sofrimento: Abordagens*. (V. N. Famalicão: Campo das Letras – Editores. 2001), 206.

¹⁷ Portucarrero, "Corpo-Próprio", 207.

¹⁸ Jaime Cortesão, *Memórias da Grande Guerra* (Lisboa: Portugália Editora, 1971), 213.

¹⁹ Portucarrero, "Corpo-Próprio", 214.

Neste sentido, compreendemos que além de haver todo um conjunto de sentimentos como dor, sofrimento, vazio interior e incompreensão, há a necessidade psicológica de os ultrapassar. A vida religiosa dos combatentes portugueses apesar do impacto da guerra, não começou com ela. Há antecedentes. Muitos deles eram oriundos do meio rural, certamente pertenciam a famílias católicas e frequentaram a catequese ou a igreja da sua terra. Mesmo que não compreendessem, se fosse o caso, mesmo que tais experiências não os marcassem, sabiam que existia algo. Algo que poderiam acreditar ou não, mas que parecia fazer parte das suas "raízes".

Durante a guerra é difícil estar a afirmar quando, como e porque é que os combatentes começaram a procurar essas mesmas "raízes". Não se pode dizer que foi após um certo acontecimento. Este tipo de coisas não funcionam assim. Os indivíduos são diferentes as suas experiências, as suas vidas e educação não foram as mesmas. Só procura Deus quem acredita ou desconfia da sua existência. Só tem fé quem precisa dele.

2.2. Deus nas trincheiras: o contacto com o divino

2.2.1. O Cristo das Trincheiras

Logo que o batalhão se pôs em marcha, e, à saída da povoação, deparamos à margem da estrada com uma grande cruz de madeira, tendo escrita no tronco esta legenda, que muito me impressionou: O CRUX, AVE, SPES ÚNICA (Eu te saúdo, ó cruz, única esperança).²⁰

Vários são os combatentes que descrevem nas suas memórias a emblemática figuras do Cristo das Trincheiras. Na realidade para além dos "grandes" Cristos dos cruzeiros muitos outros Cristos "menores" poderiam ser vistos ao longo das estradas. Abrigados e adorados outrora nas capelas e igrejas da Flandres, eram agora colocados, pelas mãos de simples soldados, na beira dos caminhos que levavam à guerra, essa "via-sacra" do combatente. André Brun descreve a história de um desses Cristos, o Cristo de Neuv-Chapele que acompanhou as tropas portuguesas até ao derradeiro dia do "martírio". A certa altura, enquanto marchavam a caminho da frente passaram por umas ruínas onde outrora fora uma cidade:

Era uma linda cidadezinha com o seu château, a sua brasserie, uma igreja e um belo Cristo num calvário, no cruzamento de duas estradas. Veio a guerra. Sobre esse terreno

²⁰ Silva, *A Guerra de 14*, 38.

travou-se uma das maiores batalhas, caíram aos milhares os soldados [...] O terreno disputou-se palmo a palmo, e um dia as duas linhas estabeleceram-se a cento e cinquenta metros uma da outra, cavaram-se as trincheiras, consolidaram-se as posições. Então procurou-se a linda cidadezinha que ali havia. Tinha desaparecido. Não restavam senão montões de escombros e de tijolos, e de pé, incólume, com uma granada não rebentada incrustada no pé da cruz, o Cristo do cruzeiro.²¹

A referência a este fenómeno é, sem dúvida, algo marcante em muitas das memórias deixadas pelos combatentes portugueses da Flandres. O impacto do Cristo crucificado no meio de destroços, com uma granada cravado no lenho foi uma imagem que perdurou no íntimo de muitos portugueses. No entanto, seria incorreto resumir tal fenómeno a um mero impacto inicial dos primeiros tempos na frente. Outras referências ajudam-nos a perceber a importância de tal acontecimento que acabará por funcionar como fonte de reflexão para uns e fonte de fé e esperança para outros. O Cristo das Trincheiras constitui assim um dos símbolos mais marcantes da guerra. Ao longo de todo o período na Flandres são inúmeras as alusões. Desde um jovem combatente que decide dar um passeio para relaxar um pouco, poe-se a observar o horizonte e das visões que sobressaem lá está o "redentor". Durante esses tempos livres também alguns crentes aproveitavam para se recolher junto da imagem em silêncio e devoção pondo a seus pés um simples "ramo de arbustos que a neve vai enfiorecer".²² E nos momentos de maior dificuldade, quando a guerra «decide» mostrar toda a sua violência, toda a sua crueldade para com os que a faziam, alguns crentes refletem no: "Cristo do calvário intacto, erguido no madeiro altíssimo, dominando toda a cena [...] e que parece ganhar [...] uma nova humanidade e assume [...] proporções de revelação trágica. [...] simboliza uma verdade indestrutível".²³

Os próprios descrentes, ou melhor, avessos à religião como ela era então praticada, como Jaime Cortesão, dominados pela dor que lhes causavam as amarguras da guerra são capazes de se reverem nessa mesma imagem: "Na bruma da noite eu próprio perco o ser. Sofro e gemo a angústia do grande crucificado e soletro, para além do tempo, as palavras clamorosas do seu evangelho, galgando e redimindo a terra até aos confins, na boca dos milhões de mártires-apóstolos".²⁴

Os próprios poemas deixados pelos mais variados autores e reunidos em várias obras presentes na bibliografia apresentam o crucificado do cruzeiro, mas também outros que se encontravam pelas estradas como uma das poucas belezas que a

²¹ André Brun, *A Malta das Trincheiras: Migalhas da Grande Guerra 1917-1918* (Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1983), 67-68.

²² Brun, *A Malta das Trincheiras*, 68.

²³ Silva, *A Guerra de 14*, 54-55.

²⁴ Cortesão, *Memórias*, 97.

realidade da guerra tinha poupado não fosse ele para muitos a «SPES ÚNICA», a única esperança.

2.2.2. Nossa Senhora das trincheiras

As capelas e imagens de Nossa Senhora constituem igualmente fenómenos de devoção por parte dos soldados, embora por vezes a sua veneração tenha sido restringida como nos evidencia o poema "Entre Ruínas".²⁵ André Brun, por exemplo, descreve-nos o primeiro contacto com uma dessas imagens:

Do que fora a igreja trouxeram Nossa Senhora, intacta como o Cristo, e, quando ali entramos, nós os portugueses, fomos encontrá-la de pé sobre uma campa humilde marcada por uma cruz e por este dístico encantador: TO AN UNKNOWN SOLDIER «A um soldado desconhecido». E ali está, a algumas centenas de metros do seu filho crucificado [Tem visto desenrolar-se toda a guerra, todo o sofrimento, e martírio dos que cruzam as linhas] E a imagem ali fica. A seus pés, em latas de comestíveis vazias, em frascos de pickles abandonados, mãos rudes de soldados põem cada dia essas flores de trincheira, cujas raízes crescem na terra adubada pelo corpo decomposto dos heróis que não houve tempo de enterrar com uma cruz e um dístico. Por um singular acaso, poupam-na as granadas. [...] Só fica o gesto protector dos seus braços abertos estendendo-se sobre a campa do «unknown soldier», e também sobre nós, soldados desconhecidos da grande guerra.²⁶

Paralelamente outras imagens da Virgem, muitas vezes em capelas arruinadas, recebem visitas de grupos de soldados que aí encontram tranquilidade e conforto e onde rezam o terço. Algumas unidades do CEP chegam mesmo a ter uma dessas relíquias para acompanhar os combatentes. A obra *Nas Trincheiras da Flandres com Deus ou sem Deus eis a Questão* dá-nos uma ideia geral da importância de figura da Virgem e dos santos para os militares portugueses.

O padre Manuel Caetano [...] deu conta que, na unidade em que prestava serviço, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição acompanhava os militares. Durante os combates ficava no 1º posto de socorros, onde se rezava o terço. Em outro agrupamento um alferes organizou uma festa em honra da rainha Santa Isabel. A bênção de uma imagem, que havia sido oferecida ao alferes, constituiu um momento alto da festividade. A Rainha Santa tornou-se, assim, a padroeira das baterias de morteiros. No final teve lugar um almoço, encontrando-se, entre os convidados, um capelão português e um outro padre, de nacionalidade francesa. Também o batalhão de infantaria 7 transportava consigo uma imagem da Senhora da Encarnação que, nas trincheiras, tinha o seu nicho. Escrevendo para *A Ordem*, Pinheiro Torres informou que, no *front*, um batalhão adoptara a designação de "batalhão da Senhora do Sameiro" [...] "O batalhão 34, que se distinguiu

²⁵ Alfredo Barata da Rocha, *Névoa da Flandres* (Porto: Renascença Portuguesa, 1924), 37-38. Há por aqui ... (Não deixam dizer onde),
Numa aldeia que a guerra destrui,
Uma capela altiva. Não se esconde.
Tudo tombou; só ela não ruiu!...

²⁶ Brun, *A Malta das Trincheiras*, 68-69.

pela concorrência aos actos religioso, possuía um "símile de retábulo", recebido com a maior alegria dos rapazes.²⁷

2.3. Uma fé moldada pela Guerra

O silêncio de um dia sem combater enchia a terra de meditações cristãs.²⁸

As amarguras da guerra, sejam elas os ferimentos causados por um estilhaço, a perda de um camarada amigo ou mesmo a própria dureza da vida nas trincheiras, conjugados com o contacto com os fenómenos religiosos do Cristo e da Nossa Senhora das Trincheiras, mas também a convivência com capelães cada vez mais focados em contribuir para ajudar os que mais precisavam, foram fatores que contribuíram para uma progressiva mudança de mentalidades relativamente à religiosidade. Os descrentes, com o tempo tenderam a olhar a fé de uma forma mais tolerante. E os próprios crentes de uma fé que pouco mais era do que uma mera tradição tenderam a refletir a questionar e a aprofundar o seu relacionamento com a divindade.

2.3.1. Fé em comunhão: cerimónias religiosas

A celebração da eucaristia, de cerimónias fúnebres de muitos camaradas e o encontro para rezar o terço constituíram momentos importantes da vida coletiva dos combatentes. Em especial a missa que para Vicente José da Silva constituía um acontecimento importante:

O serviço das trincheiras nem sempre me deixava livres as manhãs dos domingos para poder ir à Missa. No entanto, todas as vezes que o podia fazer, não deixava de assistir a ela. Além de ser uma variante e um derivativo à monotonia esmagadora de todos os dias, a assistência à Missa dava um certo conforto espiritual e novas energias para a luta que não cessa. Era ver a devoção, o silêncio, o respeito e o ar de concentração espiritual com que todos estavam, civis e militares. Os padres também não se cansavam de proferir palavras de alento, e de elevar ao céu as suas preces a favor da paz, e implorar a protecção divina para todos os que sofrem.²⁹

André Brun, por seu lado, descreve um momento mais "pesado". Se as celebrações eucarísticas eram aos olhos de alguns um momento de paz e de conforto, as celebrações fúnebres constituíam uma realidade mais dura recorrente na guerra.

²⁷ Moura, *Nas Trincheiras da Flandres*, 68.

²⁸ Morais, *O Soldado Saudade*, 17.

²⁹ Silva, *A Guerra de 14*, 64.

Este autor, a par de Jaime Cortesão, apresenta-nos a frequente tristeza monótona com que estes momentos decorriam:

O capelão de brigada [abre um embrulho] é uma sobrepeliz de grosso pano branco, uma estola negra toda amarfanhada, e o seu livro de orações. As covas estão abertas [...] os soldados portugueses ajoelham e se persignam e nós nos descobrimos, o padre começa a sua encomendação. Mal se lhe entende o latim e, de quando em quando, interrompe-se para cruzar as mãos e rezar a Avé Maria a que responde o coro dos soldados prosternados, — Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte... Desceram sucessivamente à terra de França os corpos desses soldados de Portugal. Cada um de nós vai lançar sobre os restos informes uma mão-cheia de terra. [acaba a cerimónia e] acendendo um cigarro, sem podermos dominar uma certa melancolia, o meu companheiro e eu regressamos às trincheiras, enquanto à nossa direita a bateria continua o seu fogo espaçado de regulação.³⁰

2.3.2. Fé como dimensão interior

A fé vivida nas trincheiras não se resume à ida às cerimónias eucarísticas ou às tristes cerimónias fúnebres. É certo que constituíram uma dimensão importante na vida religiosa dos combatentes. No entanto, seria ofuscar a realidade se apenas destacássemos estas. No plano religioso, uma outra dimensão constitui particular significado na vida dos crentes. Trata-se de ver a fé como algo interior que diz respeito a cada individuo. Mas como tratar historicamente um fenómeno deste tipo? Como explicar algo tão relativo e diverso que varia de pessoa para pessoa? Como passar para o papel os traços que possam ou não identificar as linhas gerais de tal fenómeno?

De facto por muito grande que fosse o esforço, dificilmente poderia apresentar uma sistematização de ideias que me permitissem afirmar com toda a certeza que a vida espiritual dos combatentes se desenvolvem e ocorreu de uma determinada forma específica. O que proponho neste subtema é assim o estudo de um grupo de crentes mais reduzido, os que realmente demonstraram nas suas memórias que, paralelamente às cerimónias religiosas, viviam uma profunda fé interior que acabava por sobressair em determinadas alturas.

Entre as tarefas das trincheiras, a dureza das horas de combates e o silêncio arrebatador que normalmente as principia, sobra tempo, por vezes, muito tempo. O combatente olha à sua volta. Longe de casa, longe da família, da sua pacata e bela terra onde a melodia dos pássaros apenas é interrompida pelo som forte dos sinos da igreja. O soldado recorda-se desses tempos felizes que passaram por ele sem se ter apercebido. Quando a guerra lhe permite algum silêncio, sobretudo na retaguarda ou na segunda linha, e o "abençoa" com essas pequenas graças, o crente tende a olhar à

³⁰ Brun, *A Malta das Trincheiras*, 78.

sua volta. Sente-se mais próximo dos seus, da sua terra, de si mesmo. Este sentimento leva-o por vezes a peregrinar por aquelas terras. Vai muitas vezes sem razão de ser. Vai apenas pois o tempo permite-o.³¹ É nestes passeios que vê o Cristo intacto e lembra-se de ter passado por ele a caminho das trincheiras. Aproxima-se, olha-o e aí fica durante algum tempo. Não será este um simples gesto de fé?

Pina de Moraes descreve uma situação semelhante. A certa altura acompanha um seu camarada que rumava ao Cristo de um cruzeiro. Pelo caminho o "devoto" recolhe algumas pobres flores. Chegam então perto do crucifixo. Pina de Moraes permanece de pé a uma certa distância em silêncio. O seu colega aproxima-se do crucificado. Ajoelha-se e deposita cuidadosamente as pobres flores aos pés do seu Senhor. Segue-se um momento de silêncio. Um silêncio que é respeito por parte dum e oração por parte doutro.³²

Fenómenos como este repetir-se-iam noutras situações, com outras personagens em romaria a outros pequenos santuários arruinados. As capelas arrasadas eram um dos lugares apreciados. Quantos não foram lá, muitas das vezes sozinhos depositar flores de trincheira em latas de conservas que recolhiam? Quantos não praguejaram, não se revoltaram contra um Deus ou uma mãe (Nossa Senhora), impotentes ao ver muitos dos seus camaradas feridos e mortos? Quantos não procuraram numa imagem de uma santa ou num crucifixo o conforto e a força de que necessitavam? Quantos oficiais letrados o fizeram, mas sobretudo, quantos jovens soldados analfabetos o não experimentaram? Que impacto terá tido tudo isso, se é que o teve? Que importância terá tido essa pausa, essa busca de paz na guerra? "O vazio que se impõe no domínio do invisível, numa provocação constante da memória, o vazio que é paragem para ganhar tempo, condição de Ser. Quantas essências vitais há a

³¹ Pina de Moraes descreve-nos como os sinos que tocavam nas igrejas da Flandres o faziam lembrar a sua terra: "Começava a amanhecer, os sinos de La Gorgue, de Merville deram a tocar. E entre o som destes sinos, — há um que parece o sino da minha aldeia, o grande, o das Almas, que toca às Ave-marias e que tem uma voz grande e amiga, — que se ouve além Douro. E adormecendo, eu sigo com os sentidos o som do sino da minha terra, entre os sons de todos os outos, como a gente segue um conhecido numa multidão". Moraes, *Ao Parapeito*, 68.

³² "Apona-me a cruz nevada, e olha longamente. Estamos em *Neuve-Chapelle*, a garganta da morte, como lhe chamam os canadianos. O meu camarada convida-me a ir em romagem lá baixo ao Cristo. E lá vamos, passos abafados, pelas abotoadas, trincheira adiante, à neve que solta suspiros de alvuras, ondulante, trincheira fora... Faz um ramo de arbustos e, mudo, ouvindo a balada branca, ajoelha no supedâneo da cruz ao Cristo de braços nevados, de flancos de jaspe. E deixa o ramo de arbustos que a neve vai enflorecer... e a neve cai, ritual branco, *dum memento homo estranho*". Moraes, *Ao Parapeito*, 129.

redescobrir, quando o tempo permite repor o vazio que abre caminho à humildade da própria existência...?"³³

Se a peregrinação individual a sítios religiosos em busca de paz e de força foi uma das consequências visíveis da fé vivida pelos crentes não foi a única. Os abrigos proporcionaram do mesmo modo, mas de forma diferente, momentos de reflexão. Quantas vezes antes de se deitar a dormir o crente não rezava no seu íntimo. Quantas vezes, não desabafava com esse alguém em quem acreditava sobre as coisas que tinham acontecido ao longo do dia. De facto, muitos dos poemas alusivos ao Cristo das trincheiras e a Nossa Senhora bem como muitas das reflexões sobre a guerra surgiram dessas alturas em que o silêncio permitiu que o crente se encontrasse consigo próprio, com as suas dores e esperanças. Augusto Casimiro na sua obra *Calvários da Flandres* é a esse respeito bastante explícito:

Na minha tenda em que a luz se concentra prisioneira, — escrevo, rezo... Sobre o dia morto ergo a alegria numa oração ou dum verso. [...] A minha alma em reza... Cartas de amor, páginas piedosas, — versos que iam de abrigo a abrigo, nas horas calmas, do meu comando à linha, de irmãos a irmãos.³⁴

A oração funciona assim como um “mecanismo” onde o combatente expõe as suas debilidades, tristezas, mas também esperanças; onde encontra coragem para ultrapassar as fragilidades que fazem parte do seu próprio ser e as dores que o ambiente em seu redor lhe impingem. Para uns, uma força espiritual que auxilia, para outros um meio psicológico que o indivíduo cria na sua mente para se sustentar emocionalmente. Independentemente das interpretações, o resultado parece ser o redobrar das forças com a esperança de ultrapassar os desafios do presente.

2.4. A importância da dimensão religiosa

2.4.1. O contributo para o militar

Sobre este ponto gostava de referir o fator religioso como algo de extrema importância para a estabilidade psicológica dos indivíduos. Num conflito como o da Grande Guerra, estando os combatentes longe da família e da terra, muitos encontravam na sua crença a tranquilidade que precisavam. Mais uma vez, as palavras de José Vicente da Silva ajudam-nos a perceber a importância do fenómeno religioso

³³ Fernando Ventura e Joaquim Franco, *Somos pobres mas somos muitos: uma conversa sem rede nem preconceitos sobre o Papa Francisco e o Mundo* (Lisboa: Verso de Kapa, 2013), 116.

³⁴ Casimiro, *Calvários*, 72.

num ambiente de guerra como o da Flandres: "Sem o conforto da fé e o lenitivo da esperança, a espinhosa missão de que estávamos incumbidos seria para muitos bem mais cruciante".³⁵

Uma pequena parte do longo poema «Nossa Senhora da Trincha»³⁶ publicado na obra *Névoa da Flandres* evidencia-nos bem esta relação fé-guerra e a importância para o combatente.

As imagens da Virgem e os cruxifixos, bem como os amuletos, postais ou pequenos santinhos que muitos possuíam faziam parte da crença de muitos combatentes e tinham por isso uma importância simbólica, ajudando a tranquilizar os crentes.

2.4.2. O contributo para o CEP

Como é natural, se os combatentes de uma determinada unidade estão emocionalmente mais estáveis e em condições psicológicas aceitáveis para desempenhar as suas funções em combate, este aspeto positivo terá as suas repercussões no desenrolar da campanha, aguentando com mais serenidade as dificuldades impostas pela guerra. Para esse fim também os capelães parecem ter contribuído para a moral do CEP, uma vez que, segundo alguns relatos, eles encorajavam os combatentes, transmitindo-lhes força, coragem, esperança e sentimentos patrióticos. "Os padres também não se cansavam de proferir palavras de alento, e de elevar ao céu as suas preces a favor da paz, e implorar a protecção divina para todos os que sofrem".³⁷

³⁵ Silva, *A Guerra de 14*, 39.

³⁶ Rocha, *Névoa da Flandres*, 111-116.

— Deus me perdoe, se peço
Em tão grande devoção!
Nossa Senhora da «*Trincha*»,
Guardai o meu coração!...

Levai-o a Deus, p`ra que fique
Mais sereno à sua beira;
E, depois que se aquiete,
Trazei-me então à trincheira,

Para que o ponha, de novo,
Outra vez, dentro do peito,
A dar-me força e coragem
De ficar ao parapeito!..."

³⁷ Silva, *A Guerra de 14*, 64.

É preciso ter em atenção, que não havendo um apoio psicológico especializado, foram os capelães, em grande medida a proporcionar-lo. Deste momo as tropas portuguesas viriam a beneficiar das vivências religiosas, o que parece ser comprovado pelas palavras do general Tamagnini: "Os soldados marchavam com um moral diferente depois de assistirem aos actos religiosos. Quando deles ficavam privados, por falta de sacerdotes, mostravam-se muito mais abatidos".³⁸

3. Humildade como recompensa de guerra

3.1. Uma mentalidade aberta

3.1.1. Crentes e não crentes

Algumas memórias como, por exemplo, as de Pina de Morais e as do general Tamagnini permitem-nos perceber que o clima entre crentes e não crentes, com o decorrer da guerra vai-se tornando mais estável, tanto entre as classes inferiores como entre os oficiais do exército. O primeiro autor, por exemplo, relata-nos um acontecimento interessante sobre o relacionamento entre crentes e não crentes numa fase avançada do conflito. Refiro-me à visita a um crucifixo com um seu camarada, algo que já tive ocasião de relatar. O acontecimento é importante se tivermos em conta que evidencia uma mentalidade de respeito pelo próximo, na medida em que um descrente acompanha um crente até um crucifixo. O crente ajoelha-se e reza, Morais ao que parece fica simplesmente em silêncio. Este simples facto de acompanhar um devoto até um crucifixo dá-nos ainda mais que pensar se tivermos em conta que o mesmo autor, num outro livro (*Soldado-Saudade*), referia-se, a uma cerimónia religiosa onde esteve presente (funeral de um «patrulheiro») como sendo, na sua opinião, uma "truanice ridícula".³⁹ Fica então bem patente como alguém que não segue os rituais religiosos, nem tão pouco demonstra algum tipo de sentimento religioso, e que assiste a uma determinada cerimónia fúnebre por respeito ao camarada morto, mantendo-se distanciado dessa religiosidade que repugna, mas cujo tempo de trincheira, não mudando radicalmente a sua forma de pensar sobre o assunto, fá-lo olhar para a fé, e

³⁸ Marques, *Memórias do General*, 72.

³⁹ Morais, *O Soldado Saudade*, 67.

para os crentes progressivamente de modo diferente e respeitoso, o leva a acompanhar um seu colega ao Cristo das Trincheiras.

Num outro sentido, as memórias do general Tamagnini permitem-nos perceber uma certa evolução de mentalidades por parte dos crentes, sobretudo dos capelães. Estes, habituados às lidas paroquiais tiveram alguma dificuldade em adaptar-se às circunstâncias da guerra. A firmeza com que nos primeiros tempos desempenhavam os diversos rituais sagrados, como por exemplo a celebração da missa, a reza do terço e a via-sacra da distribuição de medalhas, terços, santinhos e escapulários, a tal propaganda de que muitos oficiais se queixavam, provocou alguma instabilidade.⁴⁰ Com o tempo, porém, foram percebendo que a realidade da guerra e a sua própria permanência na Flandres exigia uma adaptação, pondo de lado muitas das suas iniciativas religiosas e passando a ter uma atitude mais discreta, menos idealista em termos religiosos e mais prática na medida em que deveriam dirigir os seus esforços para a colaboração no esforço de guerra, pondo de lado muitos dos seus preconceitos.

Esta mudança de mentalidades, esta progressiva descoberta do "outro", já não como os pecadores que desprezam as coisas de Deus, ou como os sacerdotes inúteis, ou ainda como os crentes "atrasadinhos" e analfabetos que em tudo acreditam, mas como homens, uns e outros, cujos preconceitos se vão dissipando à medida que o dia-a-dia permite um encontro progressivo entre pessoas e realidades diferentes, contribuem assim para a formação de uma nova mentalidade assente numa maior compreensão e respeito para com o que pensa e vive de forma diferente. No fundo duas realidades com os seus protagonistas, que, tendo-se cruzado nos campos da Flandres, aprenderam progressivamente a conhecer-se e a respeitar-se. Deste modo, a guerra parece ter derrubado as barreiras ideológicas iniciais. Emerge com ela uma mentalidade mais aberta capaz de por os preconceitos e ideologias de lado olhando para o próximo com respeito.

3.1.2. Novos horizontes

A guerra trouxe como consequências uma revolução das mentalidades. Muitos dos soldados saíram das suas terras por causa dela. Alguns viram o mar pela primeira vez durante a viagem para a França, estiveram em terras diferentes e tomaram contacto com novas realidades, novas pessoas, novos ambientes. Jaime Cortesão afirma mesmo que sem a guerra não teria a oportunidade de aperfeiçoar a língua francesa.⁴¹ André

⁴⁰ Moura, *Nas Trincheiras da Flandres*, 60.

⁴¹ "Praticar a língua francesa era agora a minha preocupação constante. (...) Sem a guerra eu não teria jamais ocasião de pôr em prática...". Cortesão, *Memórias*, 29.

Brun, por seu lado, deixa-nos um pensamento interessante sobre a experiência vivida nas trincheiras e as reflexões sobre esse período.

A terra imortal dá-nos a maior lição de humildade. Todos quantos somos, por maiores e melhores que a nossa vaidade nos faça supor que podemos ser, mirando a grande mortalha florida que cobre tantos mortos, temos que pensar fatalmente na nossa pequenez, de cismar que, se uma bala ou um estilhaço nos matar, a Vida não parará por isso e não deixarão de romper pelos campos fora os cânticos eternos: pequenas flores frágeis e delicadas que um sopro desfaz, fartos campos de pão que cada ano se renova, árvores a cuja sombra as gerações sucessivas se sentam.⁴²

Porém, não podemos ser ingénuos esquecendo as profundas marcas dolorosas que a guerra deixou na vida dos combatentes. Alguns silenciam essas marcas. Guardam-nas no mais profundo do seu ser evitando relembra-las. É o caso de Pina de Morais que a dada altura, na sua obra *Soldado-Saudade*, diz o porquê de não mencionar as suas recordações dolorosas: "Tenho decerto, como todos os combatentes, recordações da guerra, que não escrevi [...] ainda e mesmo não escrevo voluntariamente só porque são tão dolorosas que me faz sofrer a sua lembrança".⁴³

Estas palavras de Pina de Morais dão-nos assim a ideia de uma outra realidade que fica marcada para sempre nas profundezas da memória de muitos combatentes. No entanto, não poderia deixar de constatar um facto que, no meu ponto de vista, constitui uma diferença significativa entre algumas memórias, como por exemplo as de Pina de Morais e outras, como as de Jaime Cortesão ou de forma mais explícita as de José Vicente da Silva, Augusto Casimiro ou ainda Alfredo Rocha. Talvez uma das maiores diferenças entre uns e outros seja a forma como lidam com essas "dores interiores". Enquanto o primeiro, tal como muitos outros combatentes da Grande Guerra, prefere esquecer as lembranças mais negativas remetendo-as para "as profundezas da sua alma", outros expõem as suas dores, os seus momentos vulneráveis, mostrando uma certa capacidade de ultrapassar essas marcas, como é o caso de Jaime Cortesão que, a dado momento, reflete sobre isto dizendo: "Aprendendo a desprezar a morte e o sofrimento soube também qual o valor da vida. Atirado para um oceano de dor, encontrou-se sobre o caminho da verdade".⁴⁴ Já os últimos, no meu ponto de vista, parecem aqueles que, tendo do mesmo modo sofrido as amarguras da guerra, encontraram na fé que abraçaram o conforto e a tranquilidade que lhes permitiu ultrapassar os momentos mais críticos. Estes aprofundam as suas relações com o divino

⁴² Brun, *A Malta das Trincheiras*, 161.

⁴³ Morais, *O Soldado Saudade*, 67.

⁴⁴ Cortesão, *Memórias*, 225.

e mesmo não tendo esquecido as dores do passado, refletem sobre elas e olham para o "horizonte" com esperança. O poema *E falou meu coração*⁴⁵ é a este respeito explícito:

— Pela fé que nos aquece
E em nossas almas estua,
A vida mal desfalece,
Ressuscita e continua...

3.2. O nascimento de uma nova espiritualidade e de uma nova forma de olhar o Mundo?

Talvez seja exagerado referir-me ao nascimento de uma nova espiritualidade nas trincheiras, como uma das consequências das vivências de Fé. No entanto, gostaria de deixar umas últimas ideias que me parecem essenciais sobre este tema. O repúdio da religião nos primeiros tempos nada mais fez do que aprofundar a sua necessidade.

A dor e o sofrimento fizeram com que muitos se aproximassem da religião, mas não da mesma forma que por ventura o faziam antes da guerra. A religiosidade que antes do conflito poderia ser meramente tradicional passou a fazer sentido na medida em que o combatente desamparado, longe da terra e da família numa guerra imensa, sentiu realmente necessidade dela. O crente que fazia questão de ir às celebrações num ambiente hostil é um crente convicto e que reflete sobre o mundo que o rodeia e sobre a sua condição. Neste aspeto, Vicente José da Silva, Augusto Casimiro e Alfredo Barata da Rocha são as personalidades que mais se destacam. As suas obras repletas de reflexões e orações evidenciam o aprofundar de uma relação com o Divino que sem a guerra seria difícil de concretizar.

É essa mesma fé moldada e aprofundada pela guerra que os faz olhar o futuro com esperança desde que os homens sigam os caminhos de Deus. José Vicente da Silva faz questão de salientar esta necessidade de Deus. Na sua maneira de ver "a guerra foi, mais do que qualquer outro, um fator de ruína moral e de desmoralização dos costumes".⁴⁶ O Homem tinha-se tornado mais duro e senhor de si com o progresso da ciência e da civilização. "A avaliar pelo passado e pelo presente devemos concluir que os homens serão sempre os mesmos; isto é, iguais a si próprios".⁴⁷ Deste modo:

Só a moral cristã seria capaz de melhorar o coração dos homens. Parece, no entanto, que o resultado não corresponde á expectativa. Pois não se têm guerreado os homens,

⁴⁵ Rocha, *Névoa da Flandres*, 123-124.

⁴⁶ Silva, *A Guerra de 14*, 119.

⁴⁷ Silva, *A Guerra de 14*, 129.

por vezes, em nome da religião que professam? Mas se, e apesar de tudo, os homens são maus, não seriam sem isso mil vezes piores? ⁴⁸

Após a condenação da guerra, o mesmo autor chega à seguinte conclusão:

Nem os tratados, nem os convénios, nem a melhor boa vontade dos homens poderão assegurar uma paz duradoira, se os chefes que têm na sua mão os destinos das Nações andarem arredados dos caminhos de Deus. E não só os chefes, mas os povos. O mesmo será dizer que fora da lei divina não pode haver paz; e, portanto, todos os esforços nesse sentido serão inúteis. A guerra é obra dos homens, não de Deus.⁴⁹

A uma nova era desejada corresponderia assim a uma nova relação com Deus. Parecia pois que a Humanidade iria iniciar um novo percurso. A esperança da maior parte dos crentes nesse futuro que almejavam ver no horizonte pode ser melhor compreendido se tivermos em conta as palavras de esperança, mas ao mesmo tempo de ingenuidade de Augusto Casimiro:

A dor, a miséria, todos os sofrimentos, abriram os olhos dolorosos do mundo. Ao fogo duma grande fé e dum alto sonho, através da Paixão sangrenta que durou mais de quatro anos — decantou-se uma verdade nova, uma promessa mais forte. Os povos tomaram consciência de si mesmos. Ei-los a caminho. Do martírio de Cristo, filho de Deus, floriu um mundo.⁵⁰

Mas se estas são, pois, reflexões de intelectuais que olham para o mundo tentando compreender a presença de Deus no seu percurso, não menos importante será perceber como esta fé moldada e refletida nos campos da Flandres esteve presente no quotidiano dos mais simples, dos soldados, muitos deles analfabetos. Neste sentido a obra *Soldado-Saudade* de Pina de Morais apresenta-nos uma atitude de um soldado que muito impressionou o autor. A dado momento, numa daquelas manhãs frias em que a neve camuflava a paisagem sombria da frente de combate, uns poucos soldados com alguns dos seus superiores recolhem-se junto duma pequena fogueira tentando aquecer os membros enregelados pelas baixas temperaturas. Eis então que no decorrer da conversa um jovem soldado expõe os seus pensamentos sobre os inimigos do outro lado da terra de ninguém: “— Quem sabe se eles terão carvão [para se aquecer]! Eles era o inimigo”.⁵¹

O autor da obra, um descrente que nos tem acompanhado durante todo este trabalho e que muito nos tem ajudado a perceber a fé vivida nas trincheiras, sob o seu

⁴⁸ Silva, *A Guerra de 14*, 130.

⁴⁹ Silva, *A Guerra de 14*, 132

⁵⁰ Casimiro, *Calvários*, 181.

⁵¹ Morais, *O Soldado Saudade*, 57.

olhar sempre crítico, em vez de censurar a ingenuidade de tal intervenção expõe-nos o seu pensamento sobre a atitude do jovem rapaz.

No olhar do soldado transpareceu a piedade que lhe nadava no coração. Sem querer tinha pregado como um Nazareno. A sua humildade gigantesca tinha gemido uma legenda de Calvário. Quem perdoará a generosidade cristã com que tu morres, meu rapaz?

Olhei-o a direito e vi a sua alma nua como a baioneta com que atacaria amanhã. Este homem vivia tão perto da morte que via o outro mundo. O que os séculos tinham amontoado; sedimentado ancestralidades no seu sangue e na sua raça — tudo isso! — tinha morrido às balas e à lama.⁵²

Do mesmo modo, um outro excerto, mas desta vez do poema *Dois Túmulos*⁵³ de Alfredo Rocha, revela-nos uma outra forma de pensar e ver o mundo. Dois soldados mortos. Um português e outro alemão são sepultados. «Cobre-os, enternecida, a mesma terra». Eis então que os mortos falam sorratamente das profundezas. Diz o alemão: — «Abeiremos as almas! Anda, esquece! Já não há ódio em nosso coração!...» e continua:

Primeiro me atacaste e me feriste!...
Disparei eu, depois... Tu sucumbiste!...
A raiva que te tinha — despedaço!»

«Ambos quisemos nossa Pátria forte!»,
Responde o português — «Amigo, a morte
Fez-nos irmãos dentro do mesmo abraço!...»

Um pensamento que, se por ventura ocorresse e fosse expresso nos primeiros tempos da guerra, seria certamente tomado como estúpido e antipatriótico, mas revelador da mudança de pensamento que a guerra proporcionou e da espiritualidade de alguns combatentes.

Conclusão

Ao concluir este trabalho, gostaria de salientar algumas traves mestras que penso serem essenciais para a compreensão do estudo apresentado. Em primeiro lugar, vimos como o ambiente de confrontação vivido na Primeira República entre a Igreja e o Estado teve as suas repercussões junto das tropas portuguesas enviadas para a Flandres, causando instabilidade dentro do CEP. A guerra, porém, viria a moldar

⁵² Morais, *O Soldado Saudade*, 57.

⁵³ Rocha, *Névoa da Flandres*, 85-86.

progressivamente o relacionamento e o pensamento daqueles que até então se consideravam inimigos. Assistimos, pois, a uma progressiva mudança de mentalidades e a uma fé que tendeu a ser discreta mas persistente, na medida em que deixa de fazer sentido como uma mera tradição, e passa a fazer sentido como "mecanismo" de conforto que tranquiliza aqueles que sofrem as amarguras da guerra. A fé passa a ser refletida e ganha tanta mais força quando mais se auto questiona e quanto mais se liberta das certezas religiosas do passado. Esse lugar de incerteza, de dúvida, de confrontação de mentalidades, onde a negação de Deus coabita com a presença de fenómenos religiosos como o Cristo e a Nossa Senhora das Trincheiras contribuem para a formação de uma religiosidade forte, onde a fé tradicional, questionada e reprimida em certa medida, acaba por amadurecer graças ao afastamento do pesado fardo imposto pela ideologia católica, mas também "graças" às críticas republicanas que lhe permitem traçar um novo caminho. A fé desenvolve-se pois suficientemente afastada desses dois polos ideológicos antagónicos. Esta progressiva "caminhada", vivida num dia-à-dia de guerra consegue prosperar através do diálogo, da ação, do respeito e do contributo para um objetivo maior. Forma-se assim uma fé madura, que só o poderia ser na medida em que fosse uma fé ferida pelo sofrimento do mundo.

Esta religiosidade acabaria por dar os seus frutos, dando um forte contributo para equilibrar a moral do CEP, mesmo tendo em conta os inúmeros levantamentos de militares no decorrer da campanha, o que está intimamente ligado à falta de condições, de organização, ao péssimo moral de alguns militares que provocavam o descontentamento de muitos combatentes e à falta de novos contingentes que viessem substituir as tropas das linhas.

Estes frutos, não ficaram certamente restringidos ao tempo de campanha. Certamente que muitos daqueles que experimentaram um maior e mais profundo relacionamento com o fenómeno religioso ficaram marcados para a vida. A forma de encarar os problemas e de olhar o mundo e o futuro são, em parte, resultado dessas suas vivências evidenciando muitos deles esperança no horizonte mas não deixando de vislumbrar nesse mesmo horizonte a presença de Deus.

Fica por estudar os resultados dessa aprendizagem, especialmente no decorrer da vida dos combatentes. Proponho, por isso, que se estudem as vidas de alguns militares e se analise se esta perspetiva religiosa que muitos levaram das trincheiras se manifestou e preservou a seguir ao conflito.

Sugiro igualmente que se efetuem pesquisas mais rigorosas e alargadas sobre as memórias dos combatentes da Grande Guerra e que se dê particular atenção à busca

de indivíduos que evidenciaram uma conversão durante o período do conflito, ou pelo contrário, perderam a fé, ou ainda se mantiveram sempre a mesma opinião contra a religiosidade e os crentes. Na minha pesquisa e no meu trabalho ficou a ideia de que existiu uma progressiva redescoberta do fenómeno religioso. Não fecho, porém, as portas a outras perspectivas, que analisando outras fontes podem muito bem apresentar algo de novo que refute em parte esta minha ideia. Penso, aliás, que seria um estudo importante na medida em que apresentaria um outro ponto de vista sobre uma outra realidade da vida quotidiana dos militares portugueses nos campos de batalha da Flandres. Para esse possível estudo ou tantos outros que se possam vir a desenvolver a partir deste tema deixo ainda outras linhas de orientação para futuros investigadores. A primeira recomendação é a análise de jornais e outros periódicos da época, além das memórias de combatentes, tanto católicos como laicos. De igual modo, se se pretender ter uma visão mais clara do ponto de vista dos sacerdotes em serviço na Grande Guerra recomendaria a consulta da obra de Maria Lúcia de Brito Moura, várias vezes referenciada neste estudo, o estudo dos testemunhos e memórias dos capelães que a autora usa e a busca de outros possíveis textos desses autores. Por último, penso que seria interessante, ainda que bastante trabalhoso, comparar as vivências religiosas de outros soldados, das mais diversas nacionalidades que combateram na Grande Guerra, com a experiência vivida pelos portugueses.

Fontes

- Amaral, J. Ferreira. *A Mentira da Flandres e o Medo*. Lisboa: J. Rodrigues & C.^a, 1922.
- Brun, André. *A Malta das Trincheiras: Migalhas da Grande Guerra 1917-1918*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1983.
- Casimiro, Augusto. *Calvários da Flandres*. Porto: Renascença Portuguesa, 1920.
- Cortesão, Jaime. *Memórias da Grande Guerra*. Lisboa: Portugália Editora, 1971.
- Marques, Isabel Pestana. *Memórias do General: "Os Meus Três Comandos" de Fernando Tamagnini*. Viseu: Sacre, 2004.
- Mendes, José R. Silva. *Soldados Valentes Episódios da Grande Guerra*. Leiria: s. n., 1936.
- Morais, Pina de. *Ao Parapeito*. Porto: Renascença Portuguesa, 1919.
- Morais, Pina de. *Soldado Saudade na Grande Guerra*. Porto: Renascença Portuguesa, 1921.
- Rocha, Alfredo Barata da. *Névoa da Flandres*. Porto: Renascença Portuguesa, 1924.
- Russo, Rogério Marques de Almeida. *Arquivo Poético da Grande Guerra*. Porto: Companhia Portuguesa Editora, s. d.
- Silva, Vicente José da. *A Guerra de 14: Memórias De Um Combatente*. S. l.: Edições Boa Nova, 1991.
- Tavares, João da Silva. *Trincheiras de Portugal – versos*. Lisboa: Livraria Lisbonense, 1919.

Bibliografia

- Aniceto, Afonso. *Portugal e a Grande Guerra: 1914-1918*. Matosinhos: Quidnovi, 2010.
- Marques, Isabel Pestana, "1914-1918. Comportamentos de Guerra", Themundo Barata e Severino Teixeira (ed.), *Nova História Militar de Portugal*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2004, vol. 5, 99-135.
- Moura, Maria Luísa de Brito. *Nas Trincheiras da Flandres: Com Deus ou sem Deus, eis a Questão*. Lisboa: Edições Colibri, 2010.
- Teixeira, Nuno Severiano. "Portugal e a Grande Guerra", Themundo Barata e Severino Teixeira (ed.), *Nova História Militar de Portugal*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2004, vol. 4, 14-34.